

A LUTA DE EINSTEIN NO PÓS-GUERRA CONTRA A MILITARIZAÇÃO DA CIÊNCIA.¹

István Mészáros.²

RESUMO

Este artigo escrito por István Mészáros realiza a crítica ao modo de produção capitalista. Demonstra como os cientistas naturais são e querem ser controlados por interesses militares, cujos interesses manifestam formas destrutivas que atentam contra o próprio futuro da humanidade. Aponta que a saída para a sociedade passa pela utilização social da ciência e seus resultados. Isso implica na rediscussão da educação em bases emancipatórias. Esta prerrogativa demonstra os limites do capitalismo e a necessidade suprema de sua superação rumo a uma sociedade socialista.

Palavras-chave: Capitalismo; militarismo; ciência; educação; socialismo; Einstein

THE FIGHT OF EINSTEIN IN POST-WAR AGAINST SCIENCE MILITARIZATION.

ABSTRACT

This article written by István Mészáros performs the critique of the capitalist mode of production. Demonstrates how natural scientists are and want to be controlled by military interests, whose interests manifest destructive ways that threaten the very future of humanity. Indicates that output to the society requires social use of science and its results. This implies the renewed discussion of emancipatory education bases. This contribution demonstrates the limits of capitalism and the supreme necessity of overcoming towards a socialist society.

Keywords: Capitalism, militarism, science, education, socialism, Einstein

No final de 1945, Einstein esboçou uma mensagem a ser lida em um congresso nacional de cientistas, marcado para 10-12 de janeiro de 1946. Eis seus principais pontos:

Estou sinceramente satisfeito pelo fato da *grande maioria dos cientistas estar plenamente consciente de suas responsabilidades* como estudiosos e cidadãos do mundo; e de não terem sido atingidos pela disseminada histeria que ameaça nosso futuro e de nossos filhos. [...] É terrível perceber que o veneno do *militarismo e do imperialismo* ameaça trazer mudanças indesejáveis na atitude política dos Estados Unidos, no exato momento em que o país deve assumir uma posição de liderança no estabelecimento da segurança internacional. [...] O que vemos ocorrendo aqui não é a expressão dos sentimentos do povo norte-americano; reflete, antes de tudo, o desejo de uma *minoria poderosa que utiliza o seu poder econômico para controlar órgãos da*

vida política. [...] Se o governo seguir este curso fatídico, nós, cientistas, devemos nos recusar a nos submeter às exigências imorais, ainda que elas contem com o apoio da máquina legal. Existe uma lei não escrita, aquela que nossa própria consciência, que deve ser ouvida muito mais do que qualquer lei criada em Washington. E existem, é claro, mesmo para nós, as armas fundamentais: *a não-cooperação e a greve.*

Nós, justificadamente, responsabilizamos os intelectuais alemães por terem se submetido incondicionalmente ao controle de um governo indigno. É correto puni-los pelos crimes que cometeram, ainda que eles afirmem terem sido legalmente obrigados a agir como agiram. Tenho confiança em que nossos intelectuais estejam determinados a evitar erro semelhante; a atitude que têm adotado até agora justifica tal esperança.³

No entanto, as esperanças de Einstein foram imediatamente frustradas. O projeto do congresso nacional de cientistas interessados jamais se realizou, e portanto a mensagem de Einstein jamais chegou a seu destino, permanecendo em sua gaveta até aparecer em uma publicação póstuma das contribuições de seu autor para o movimento em favor da paz.

Certamente, Einstein continuou a levantar sua voz contra o novo imperialismo dos interesses econômicos norte-americanos e contra a militarização da ciência sob a pressão dessas determinações econômicas. Ele defendeu Norbert Wiener - que condenou o massacre da Nagasaki⁴ e corajosamente se recusou a trabalhar em um projeto de desenvolvimento de computadores, patrocinado pela marinha norte-americana, que ele temia ser usado para um massacre em larga escala - declarando categoricamente que "a não cooperação em questões militares deve ser um princípio moral essencial para todos os verdadeiros cientistas".⁵ E, quando o presidente Truman anunciou um supremo esforço de desenvolver rapidamente a bomba de hidrogênio, Einstein transmitiu claramente seu alarme em um programa de televisão apresentado pela sra. Eleanor Roosevelt:

A crença nacional de que é possível alcançar a segurança através dos armamentos é, no presente estado de tecnologia militar, uma *ilusão desastrosa.* [...] Qualquer ação relacionada à política externa é dirigida por uma única consideração: como devemos agir para alcançar a superioridade máxima sobre o inimigo em caso de guerra? A resposta tem sido: fora dos Estados Unidos, devemos estabelecer *bases militares* em todo ponto possível e estrategicamente importante do globo, além de armar e reforçar economicamente nossos aliados potenciais. E, dentro dos Estados Unidos, *um enorme poder financeiro está concentrado nas mãos dos militares;* a juventude está sendo militarizada; e a lealdade dos cidadãos, particularmente dos funcionários públicos, é cuidadosamente supervisionada por uma *força policial que a cada dia fica mais poderosa.* As pessoas com pensamento político independente são molestadas. O público é sutilmente *doutrinado pelo rádio, pela imprensa, pelas escolas.* Sob a *pressão do segredo militar,* a extensão da informação pública é cada vez mais restrita. [...] O aspecto estranho deste desenvolvimento está em seu *caráter aparentemente inexorável.* Cada passo parece ser a consequência inevitável do passo anterior. E, no fim, aparecendo cada vez mais clara, está a *aniquilação geral.*⁶

O que tornava as coisas ainda mais angustiantes para Einstein era a crescente percepção de que:

Enquanto se mostrou possível, a um curso extremante alto, derrotar os alemães, os queridos norte-americanos vigorosamente assumiram o lugar deles. [...] A calamidade alemã de anos atrás se repete: *as pessoas aquiescem sem resistência* com as forças do mal. E a isto assistimos impotentes.⁷

Entretanto, apesar de se sentir impotente, Einstein jamais deixou de protestar contra tal aquiescência. Apropriadamente, a última assinatura de sua vida foi colocada em uma dramática declaração dos cientistas contra a ameaça da aniquilação nuclear. Ao mesmo tempo, ele tentava compreender as causas da impotência, e resumiu suas conclusões com grande clareza em uma carta endereçada a uma velha amiga - a notável rainha-mãe da Bélgica - alguns anos antes da sua morte:

Quando olho para a humanidade hoje, nada me surpreende tanto ver como é curta a memória do homem em relação aos desenvolvimentos políticos. Ontem, os processos de Nuremberg; hoje, o máximo esforço para rearmar a Alemanha. Buscando algum tipo de explicação, não consigo me libertar do pensamento de que esta, a última das minhas pátrias, inventou para seu próprio uso um *novo tipo de colonialismo*, um colonialismo menos evidente que o Velha Europa. Consegue *dominar os outros países investindo capital norte-americano neles*, o que torna esses países *solidamente dependentes* dos Estados Unidos. Qualquer um que se oponha a esta política ou a suas implicações é tratado como um *inimigo dos Estados Unidos*. É dentro deste contexto geral que tento compreender as políticas atuais da Europa, incluindo a Inglaterra. Estou inclinado a acreditar que estas políticas são menos o resultado de um curso de ação *planejado* do que consequências naturais de *condições objetivas*.⁸

Quando se refere a "consequências naturais" Einstein quer dizer, é claro, ao impacto vicioso das condições objetivas do sistema socioeconômico capitalista, que inevitavelmente se superpõem à atividade humana consciente com uma "lei quase natural", frustrando os esforços dos indivíduos e anulando seus planos para combater a anarquia da ordem social prevalecente.⁹ Foram o "caráter aparentemente inexorável" desta anarquia e sua objetividade extrema que ele considerou às vezes totalmente paralisantes. Por isso, exclamou com desespero, em resposta a uma pergunta de *The Reporter* referente à situação dos cientistas nos Estados Unidos:

Se eu fosse novamente um rapaz e tivesse de decidir como ganhar a vida, não tentaria me tornar um cientista, um acadêmico ou um professor. Escolheria antes ser um encanador ou um vendedor ambulante, na esperança de encontrar aquele modesto grau de independência ainda possível nas atuais circunstâncias.¹⁰

A fragilidade da posição de Einstein não foi resultado de uma fraqueza *pessoal*, seja no sentido das limitações teóricas ou por conta de alguma pretensa "neutralidade" política e moral. Ao contrário, sua estatura como um dos gigantes intelectuais do século era organicamente complementada por um profundo compromisso com os valores de uma sociedade socialista, cuja implantação ele considerava absolutamente vital para a própria sobrevivência da humanidade. Assim, ele foi de fato uma refutação viva da ridícula opinião de J. L. Austin, que afirmava que os grandes cientistas chegaram a suas

descobertas fundamentais "*perambulando* para um lado e outro com seus instrumentos" e "*tropeçando* em algo realmente importante, mais do que, um belo dia, resolvendo: vamos atacar algum grande problema"¹¹ dentro do quadro abrangente de seu próprio ambiente".

Além disso, sendo o físico mais célebre e aclamado do século, reconhecido mundialmente por suas realizações em um "campo não comprometido", ele teve acesso sem paralelo aos chefes de governo e aos meios de comunicação em massa. Na verdade, podia atrair toda a atenção do público quando quisesse e sobre qualquer tema que quisesse, até os mais controvertidos, graças tanto à autoridade a ele conferida por inúmeros prêmios - desde o Nobel até o título de membro honorário do Sindicato dos Encanadores Americanos - como pela constante exaltação de sua pessoa, que chegava às raias da adulação repugnante (e que deixava Einstein muito contrariado), como o epíteto "Monarca do Intelecto". Portanto, é mais significativo, por suas implicações sobre a posição da ciência e dos cientistas sob o domínio do complexo militar-industrial, que ele se sentisse não apenas ameaçado, em meio a agressivas denúncias políticas,¹² mas também intelectual e politicamente traído, isolado e tão absolutamente impotente que não pôde deixar de lamentar, em uma resignação angustiada e algo misantrópica - uma postura totalmente estranha a seu caráter positivo e combativo - que: "*No fim, os homens terão o que merecem*".¹³

Einstein sabia muito bem, e afirmou claramente, que "os homens jamais se libertaram da servidão intolerável, *consustanciada em leis*, exceto pela *ação revolucionária*"¹⁴ Era por isso que insistia que "precisamos de atos, não de palavras; meras palavras não levam os pacifistas a lugar algum. Eles precisam iniciar uma ação, e começar com o que não pode ser realizado agora",¹⁵ Assim, a pergunta prática que Einstein enfrentava era dupla a) que tipo de ação era realmente viável, nas circunstâncias vigentes, para enfrentar as tarefas inerentes ao problema diagnosticado?; b) em que medida a ação imaginada poderia ser considerada adequada para a realização do objetivo desejado?

Havia uma consideração "tática" importante e inevitável, expressa por Einstein em 1949 enquanto defendia uma posição militante, intransigentemente "não cooperativa". Apoiando um artigo escrito no mesmo espírito por Herbert Jehle, ele acrescentou, em uma carta ao editor que havia rejeitado o artigo alegando transparentes pretextos referentes ao "rigor" da sua lógica:

visto que isso [isto é, a defesa aberta da não-cooperação militante] *não pode ser expresso de maneira mais clara*, qualquer pronunciamento sobre este assunto será necessariamente considerado falho ao ponto de vista lógico. E, afinal de contas, *falar mais francamente apenas indignaria a multidão conformista*.¹⁶

Muitos anos antes, Einstein também havia abordado, a partir das considerações essencialmente idênticas, a questão de como relacionar os objetivos do socialismo e do pacifismo. Foi assim que ele resumiu sua posição em março de 1931, respondendo a uma pergunta de Norman Thomas, na época o líder dos socialistas norte-americanos:

É mais fácil converter as pessoas para o pacifismo do que para o socialismo. Os problemas sociais e econômicos se tornaram mais complexos, e é necessário que os homens e mulheres cheguem primeiro a um ponto em que realmente acreditem na possibilidade de soluções pacíficas. Uma vez conseguido isso, pode-se esperar que

abordem problemas econômicos e políticos dentro do espírito de cooperação. Eu diria que devemos trabalhar *inicialmente pelo pacifismo, e somente depois pelo socialismo*.¹⁷

É claro, formular desse modo o relacionamento entre paz e socialismo era algo extremamente problemático porque, dadas as contradições da sociedade e o imenso poder dos interesses materiais e culturais dominantes, não poderia haver qualquer garantia de que a "primeira fase" de esclarecimento e entendimento pacifistas seria concluída com êxito, de forma a ser seguida pela muito necessária "segunda fase" de cooperação socialista.

Seria absolutamente equivocado, no entanto, fazer um contraste simplista entre a "perspectiva correta" e a "perspectiva errada". Sejam quais forem os méritos da questão, na realidade é imprescindível articular qualquer estratégia mesmo a melhor do ponto de vista teórico, em relação às limitações materiais e ideológicas dos agentes sociais existentes. Em outras palavras, a questão que revela a completa vacuidade de toda a conversa sobre o fato de uma perspectiva ser a *priori* "correta" é esta: que tipo de ação poderia ser efetuada nas circunstâncias vigentes, caso ela fosse adotada. Portanto, se a adoção da estratégia abstratamente "ideal" não oferece possibilidade de ação, isso só demonstra o absurdo teórico e a bem merecida impotência prática da procura de "soluções" *externas* à estrutura das inevitáveis limitações sócio-históricas, tanto subjetivos como objetivos.

Na verdade, foi a grande dificuldade de localizar um agente social historicamente viável que tornou o discurso de Einstein por vezes tão problemático, apesar de suas profundas percepções teóricas e a inabalável intensidade de seus compromissos morais e políticos.

Nada mostra isso mais claramente do que a posição muito ambígua que ele assumiu ao avaliar o poder da razão. Por um lado, estava bem consciente de suas limitações e expressou seu ceticismo.¹⁸ - às vezes, até um absoluto pessimismo¹⁹ - quanto a sua eficácia. No entanto, por outro lado, era constantemente forçado a apelar para os "melhores cérebros"²⁰ e para o senso de responsabilidade daqueles "intelectuais influentes",²¹ cujo ativo envolvimento na realização dos objetivos defendidos considerava absolutamente essencial, assim como a única estratégia praticamente possível sob as limitações negativas das circunstâncias prevalecentes. Diferentemente de Romain Rolland, seu amigo e correligionário na causa do pacifismo militante, que trabalhava na França em um ambiente social de crescentes movimentos de massa, Einstein não podia apelar à "*ação organizada em grande escala*" em favor de uma "*revolução social* [que era] o único método para a abolição do sistema que produz a guerra"²² Tinha de construir sobre as bases de que dispunha, ativando as energias dos companheiros cientistas mais influentes e preocupados contra a ameaça letal da militarização, em situações em que uma ação de massa sustentável, infelizmente, não estava à vista.

No fim a luta se mostrou muito desigual, apesar da grande estatura moral e intelectual de Einstein sob todos os aspectos, e que era tanto maior em comparação com a de seus adversários, desde congressistas como Rankin até "os escrivinhadores de aluguel de uma imprensa acomodada",²³ sem esquecer os incontáveis membros da própria comunidade científica que se acomodavam e faziam concessões. Sua confiança em que "*a grande maioria dos cientistas está plenamente consciente de suas responsabilidades*" esvaiu-se à medida que o avanço "inexorável" do complexo militar-

industrial esmagou as "armas fundamentais: a não-cooperação e a greve", privando-o até de alguns de seus antigos aliados mais chegados, como a capitulação prática de sua criação intelectual, o anteriormente leal *Bulletin of the Atomic Scientists*, entre muitas outras decepções.

Ter de lutar em condições desesperadamente desiguais contra a progressiva integração da ciência na estrutura *perniciosamente* prática do complexo militar-industrial forçou Einstein a adotar um posição teoricamente insustentável em relação a seus critérios anteriores, quando declarou, no espírito de uma falsa dicotomia, em defesa do direito moral do cientista à não cooperação diante de uma perseguição ameaçadora, que "o progresso da ciência se origina da procura do homem por *conhecimento* e, raramente de sua busca por *objetivos práticos*".²⁴ Assim, um dos maiores cientistas de todos os tempos e que sempre proclamou orgulhosamente a inerradicável origem social da ciência, bem como seu necessário destino social,²⁵ ficou acuado em um canto, a conduzir sua ação de retaguarda em favor e em nome da "pesquisa básica" contra os "objetivos práticos", quando na realidade *ambos* haviam se tornado subordinados e dominados pelos *objetivos práticos destrutivos* do complexo militar industrial.

Uma vez que "a arma fundamental" - a greve dos cientistas - não podia nem ser considerada nas circunstâncias de um isolamento social quase completo e de seu complemento, o poder sempre crescente do adversário, a única ação que restava também a Einstein era assumir uma postura muito semelhante à do "*olhar imaginativo para diante, na história*" de Wiener, ainda que, paradoxalmente, formulado como um "futuro do pretérito irreal" retrospectivo. Assim, menos de um mês antes de sua morte, Einstein escreveu em uma carta a seu velho amigo Max von Laue:

Minha ação quanto à bomba atômica e Roosevelt consistiu meramente no fato de que, em razão do risco de Hitler ser o primeiro a possuir a bomba, assinei uma carta que foi redigida por Szilárd. *Se eu soubesse* que aquele medo era injustificado, eu, assim como Szilárd, jamais teria participado da *abertura desta caixa de Pandora*. Pois minha desconfiança em relação aos governos não se limitava ao da Alemanha.²⁶

O fato trágico, entretanto, não é tanto a caixa de Pandora ter sido completamente aberta, para que as futuras gerações enfrentem uma crescente ansiedade, enquanto tiverem a oportunidade de o fazer, e sim que os cientistas - mesmo os maiores dentre os envolvidos na abertura da caixa - tenham tido tão pouca alternativa, se é que tiveram alguma, retrospectivamente ou com um olhar imaginativo para diante, na história, para fazer ou não, sem mencionar sua total impotência para desfazer seu ato fatídico. Somente uma ação social combinada e coordenada, em que todos os cientistas envolvidos fossem parte inalienável desse empreendimento, poderia enfrentar esse desafio histórico sem paralelos e a conseqüente magnitude das tarefas daí decorrentes.

Limitações objetivas da pesquisa científica.

A grande dificuldade é que os obstáculos a superar se erguem sobre as bases objetivas de determinações materiais contraditórias que se opõem a qualquer um que tente interferir com os ditames materiais de sua lógica. Dizer que "no fim, os homens terão o que merecem" implica a intervenção de uma justiça divina muito peculiar e autodestrutiva, pois a esmagadora maioria dos homens é de um modo ou de outro

privada do poder de tomar decisões, e por isso realmente não "merecem" o que lhes acontece por causa das decisões de uma pequena minoria: uma circunstância que transforma em seu absoluto oposto a noção de "justiça divina". E, de qualquer modo, quando ex-primeiros ministros - como Edward Heath e Willie Brandt - confessam curiosamente, a completa impotência de seu alto cargo, em manifestações tardias, embora genuínas, de sua boa vontade (nos *Relatórios Brandt*, que são tão ignorados por seus sucessores quanto os próprios autores desses relatórios subestimaram - quando chefiaram o gabinete ministerial - a importância dessas questões, agora reconhecidas como importantes); e quando ex-presidentes norte-americanos, como Jimmy Carter, choram diante das câmeras de televisão, admitindo abertamente o fracasso de suas políticas e ao mesmo tempo se defendendo ao dizer que suas decisões presidenciais não contavam nada ("o presidente é completamente impotente", como declarou Jimmy Carter), fica-se imaginando quem realmente tem o poder de decisão na sociedade contemporânea.

Foi outro presidente norte-americano, o ex-comandante supremo das forças aliadas, general Eisenhower, que - em 1961 - preveniu contra a crescente influência do que chamou, adequadamente, de "*complexo militar-industrial*". Também reconheceu que a operação desse complexo era inseparável de uma "elite científico-tecnológica" vinculada aos interesses autônomos do complexo militar-industrial, e expressou seu medo de que a política pública como um todo pudesse se tornar *prisioneira* das forças cuja influência perniciosa ele declarou ser visível - já em 1961 - em cada cidade, em cada departamento de estado e em cada gabinete do governo federal.

Evidentemente, as raízes de tais desenvolvimentos remontam a uma fase histórica muito anterior, ao início do século XX, como vimos quando fizemos referência a Rosa Luxemburgo. Entretanto, o que importa no presente contexto é enfatizar que as forças sinistras que assustavam até alguns presidentes norte-americanos são manifestações de condições - contradições - *estruturais* objetivas do domínio do capital em seu estágio "avançado" de desenvolvimento. Por isso, a disputa entre as *determinações estruturais objetivas* da sociedade e a *consciência* de um número limitado de cientistas preocupados, mesmo sendo da estatura de Einstein, passa a ser uma disputa desigual. O que podemos ver, na realidade, não é que "os homens têm o que merecem", mas que as forças materiais correspondentes às determinações estruturais fundamentais da sociedade produzem os "*homens de que precisam*" em cada aspecto da vida, inclusive a ciência, mediante a qual podem impor seus imperativos estruturais destrutivos sobre a sociedade como um todo, sem levar em conta as consequências. Este é o motivo por que, sob as determinações estruturais dominantes, a "não cooperação e a greve" dos cientistas preocupados *necessariamente* assumem a triste e bem desconcertante forma de um futuro do pretérito irreal retrospectivo o tragicamente impotente "seu eu soubesse..." até dos Einstein.

É um símbolo de nossa época que as mais elevadas realizações intelectuais sejam recompensadas com uma grande soma de dinheiro ligada a um prêmio - o prêmio Nobel - que representa o investimento lucrativo da fortuna acumulada pelo inventor da maior força de destruição inventada antes da bomba atômica. Além disso, a obscenidade de se glorificar os poderes de destruição assume forma ainda mais abertamente cínica ao se conceber o "prêmio Nobel da Paz" para certas figuras públicas que, em virtude de seu alto cargo, foram diretamente responsáveis por grandes crimes contra a humanidade, sob a forma de bombardeios de saturação outros atos de genocídio contra pessoas indefesas. Eis como o poder do complexo militar-industrial consegue transformar tudo

em seu oposto, remodelando a sua própria imagem, no interesse de sua autolegitimação, até a escala de valores pela qual tais atos poderiam ser avaliados, enquanto - como escreveu Einstein à rainha-mãe da Bélgica - "a isto nós assistimos, impotentes".

Uma das ilusões mais resistentes em relação às ciências naturais refere-se a suas pretensas "objetividade" e "neutralidade", que lhes são atribuídas em virtude do seu caráter experimental e instrumental, em contraste com o caráter socialmente mais envolvido e comprometido das "ciências humanas". Entretanto, um exame mais cuidadoso mostra que estas objetividade e neutralidade não passam de lenda, pois na realidade o que ocorre é o *oposto*...

Referências

- AUSTIN, J.I. "Contribuição a 'Cahiers de Royaumont'", Philosophie n. IV: La philosophie analytique. s/d
- CLARK, Ronald W. Einstein: the life and times. Londres: Hodder and Stoughton, 1973.
- EINSTEIN, A. The Born-Einstein Letters. Londres: Macmillan, 1971.
- _____. "Why socialism?". In Mouthly Review, maio de 1949
- MÉSZÁROS, I. Filosofia, ideologia e ciência social. SP: Boitempo, 2008.
- NARHAN, Otto e Norden, Heinz (orgs). Einstein on Prace. Nova York: Schocken Books, 1960

Notas

¹ István Mészáros é um dos mais importantes intelectuais dos séculos XX e XXI, realizando uma análise sensível, perspicaz e contundente acerca da sociabilidade humana sob a lógica do capital. O texto aqui apresentado refere-se a uma parte do livro "O poder da ideologia" publicado pela Editora Boitempo Editorial no ano de 2004. Nossos sinceros agradecimentos ao Prof. István Mészáros, à Sra Ivana Jinkings ao Sr Kim Dória e ao Prof. Ricardo Antunes, coordenador da Coleção Mundo do Trabalho da Boitempo Editorial que gentilmente concordaram com esta publicação. Esperamos com ela aguçar o desejo dos leitores em conhecer esta instigante obra de I. Mészáros.

² Filósofo. Professor Emérito de Filosofia na Universidade de Sussex, Inglaterra.

³ Otto Narhan e Heinz Norden (org) Einstein on Prace, Nova York, Schocken Books, 1960, p. 343.

⁴ De uma carta de Daneil Q. Posin a Einstein, datada de 21 de novembro de 1945, publicada em Einstein on Peace, p. 340-1

⁵ Ibid., p.401

⁶ Ibid., p. 520-1

⁷ Ibid., p.554 (De uma carta à rainha-mãe da Bélgica, datada de 6 de janeiro de 1951.)

⁸ Ibid., p. 6161 (Carta datada de 2 de janeiro de 1955)

⁹ Ele escreveu um artigo publicado no primeiro número da *Monthly Review*: "A anarquia econômica da sociedade capitalista tal como ela existe hoje é, em minha opinião, a verdadeira fonte do mal. [...] O resultado desses acontecimentos é uma oligarquia do capital privado, cujo enorme poder não pode ser eficazmente verificado nem mesmo por uma sociedade política democraticamente organizada [...]. Além disso, nas condições atuais, os capitalistas privados inevitavelmente controlam, direta ou indiretamente,

as principais fontes de informação (imprensa, rádio, educação). Por isso, é extremamente difícil, e em muitos casos impossível, que o cidadão individual chegue a conclusões objetivas e faça uso inteligente de seus direitos políticos. [...] Estou convencido de que só há uma maneira de eliminar esses graves males, isto é, pelo estabelecimento de uma *economia socialista*, acompanhada de um *sistema educacional* que seria orientado para meios sociais. [...] Uma *economia planejada*, que ajuste a produção às *necessidades da comunidade*, distribuiria o trabalho a ser realizado entre todos aqueles capazes de trabalhar e garantiria um sustento a todo homem, mulher e criança. A educação do indivíduo, além de promover suas próprias capacidades inatas, tentaria desenvolver nele um *senso de responsabilidade por seus semelhantes* em lugar da glorificação do poder e do sucesso que ocorre em nossa atual sociedade." (Einstein, "Why socialism?", Monthly Review, maio de 1949).

¹⁰ Einstein on Peace, p. 613.

¹¹ J.I. Austin, "Contribuição a 'Cahiers de Royaumont'", *Philosophie n. IV: La philosophie analytique.*, p. 305. Para uma discussão detalhada da concepção fetichista de Austin, que vê a ciência como o único modelo viável para a filosofia "não-ideológica", ver meu "Crítica à filosofia analítica", em *Filosofia, ideologia e ciência social*, op. cit.

¹² Em 25 de outubro de 1945, "o congressista John Rankin, político do Mississippi com posições ultraconservadoras, atacou violentamente Einstein na Câmara dos Representantes por supostamente apoiar uma organização anti-Franco. 'este *agitador estrangeiro* gostaria de nos mergulhar em outra guerra europeia para *"difundir o comunismo pelo mundo"*, declarou ele. "Chegou a hora de o povo americano ficar de olho em Einstein." (Ronald W. Clark, Einstein: the life and times, Londres, Hodder and Stoughton, 1973, p.552). O que o autor omite é *como* o congressista, bem conhecido por suas posições racistas, queria fazer com que o povo americano "ficasse de olho em Einstein". Insinuou que "Einstein estava violando a lei", acrescentando que *"deve ser processado"* imediatamente (Einstein on Peace, p.344)

¹³ Einstein on Peace, p. 533.

¹⁴ Ibid., p. 107.

¹⁵ Ibid., p. 116.

¹⁶ Ibid., p. 514.

¹⁷ Ibid., p. 124.

¹⁸ Comentando a organização de intelectuais, projetada por Leo Szilárd para trabalhar a favor da paz e do desarmamento, Einstein observou: "A preocupação com o próprio homem deve sempre constituir o principal objetivo de todo esforço tecnológico, preocupação com os grandes e não resolvidos problemas de como organizar o trabalho humano e a distribuição de bens de consumo de maneira a *assegurar que os resultados do nosso pensamento científico possam ser uma bênção para a humanidade*, e não uma maldição. Jamais se esqueçam disso quando estiverem refletindo sobre seus diagramas e equações (ibid., p.122)

¹⁹ Depois de seu amargo desapontamento com o *Bulletin of the Atomic Scientist* - que a seu ver traiu a sua missão ao dedicar um número à "defesa civil" abandonando o princípio de se opor à guerra em vez de fazer considerações sobre como mais bem se preparar para ela -, ele rejeitou (a 5 de janeiro de 1951) o convite do editor para apresentar "uma visão de perspectiva pacifista". Einstein respondeu a Eugene Rabinowich, editor do Bulletin: "Não pretendo escrever o artigo que você sugere; acredito que *um apelo à razão seria totalmente inútil* na atual atmosfera poluída" (ibid., p.553)

²⁰ Em 3 de julho de 1930, menos de três meses depois de sua observação cética sobre a inclinação de Szilárd para exagerar a importância da razão nas questões humanas, em uma carta expressando sua solidariedade à pacifista militante Rozica Schwimmer, Einstein escreve: "A paz mundial, tão urgentemente necessária, jamais será alcançada a menos que os *melhores cérebros* se oponham ativamente aos órgãos de autoridade e às forças reais que estão por trás da autoridade [...] O sucesso só virá quando um número suficiente de *pessoas influentes* tiver coragem moral de adotar uma atitude desse tipo". (ibid., p.553)

²¹ Ibid., p.404, por exemplo.

²² Ver Einstein on Peace, p. 116-9.

²³ Einstein The Born-Einstein Letters, Londres, Macmillan, 1971, p.231.

²⁴ Einstein on Peace, p. 402.

²⁵ Em sua palestra aos estudantes do Instituto de Tecnologia da Califórnia, realizada em 16 de fevereiro de 1931, Einstein observou: "A preocupação com o próprio homem deve sempre constituir o principal objetivo de todo esforço tecnológico, preocupação com os grandes e não resolvidos problemas como organização do trabalho humano e a distribuição dos bens de consumo de maneira *a assegurar que os resultados do novo pensamento científico possam ser uma benção para a humanidade*, e não uma maldição. Jamais se esqueçam disso quando estiverem refletindo sobre seus *diagramas e equações* (ibid, p. 122)

No mesmo espírito, quando criticou a "ciência aplicada" pela maneira como ela realmente contribuiu para a miséria humana, em vez de atualizar seu grande potencial positivo, tornou claro que o que deve ser combatido é a inserção social escravizante da ciência aplicada e a consequente insegurança da existência dos trabalhadores. Porque, segundo ele, "em tempos de guerra, a ciência aplicada tem dado aos homens os meios para envenenar e multilar uns aos outros. Em tempo de paz, a ciência tem tornado nossas vidas apressadas e inseguras. Em vez de nos libertar de grande parte do trabalho monótono que nem ter de ser feito, ela tem escravizado os homens às máquinas, os homens que despendem longas e cansativas horas em seu trabalho, sem nenhuma alegria e com o medo contínuo de perder sua renda miserável" (ibid).

²⁶ Ibid., p.621.

Recebido em Dezembro/2013

Aprovado em Janeiro/2014